

Nosso corpo realmente nos pertence?: discurso/corpo feminino no instagram

Do our Bodies Truly Belong to us?: Female Discourse/Body on Instagram

Denise Sousa dos Santos

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Londrina | PR | BR

CAPES

denise.santtos123@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-9412-307X>

Rosemeri Passos Baltazar

Machado

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Londrina | PR | BR

rosemeri@uel.br

<https://orcid.org/0000-0002-3000-9941>

Resumo: Este artigo aborda as questões sobre os discursos de ódio, bem como os contradiscursos que circulam no *Instagram* referentes aos corpos femininos, revelando que as mulheres, em meio a relações de poder, resistem por meio de seus corpos. Nesse sentido, analisamos comentários públicos em *posts* de fotos de 4 mulheres distintas e reconhecidas socialmente como famosas para, assim, demonstrar que independentemente de idade e de corpos magros, gordos e bem delineados, as mulheres sofrem uma pressão social referente a seus corpos e a um ideal de beleza. Na esteira dos estudos discursivos foucaultianos, objetivamos compreender como os discursos, sejam de homens ou mulheres, desdobram-se na sociedade contemporânea, diante das novas condições de produção no Brasil. Refletimos sobre os padrões de beleza, em sua maioria, inalcançáveis e irreais, vigentes na atualidade e, principalmente, a respeito de regras de comportamento e de aparência ditados, sobretudo, às mulheres. Com isso, o corpo feminino, independentemente de suas formas físicas, nada diferente do que acontece no mundo real, torna-se alvo de críticas e de ataques frequentes no mundo virtual, o que evidencia e reforça aspectos pertencentes ao sistema patriarcal e a uma sociedade contaminada por ideias preconceituosas e, nesse sentido, repleta de desigualdade de gênero.

Palavras-chave: corpo feminino; poder; discurso; contradiscurso; Foucault.

Abstract: This article addresses hate speech and counter-discourses circulating on Instagram regarding women's bodies, revealing how women, embedded



in power relations, resist through their bodies. In this sense, we analyzed public comments on photos posted by 4 distinct women who are socially recognized as famous, to demonstrate that regardless of age and body types—thin, fat, and well-defined—women suffer social pressure regarding their bodies and an ideal of beauty. Grounded in Foucauldian discourse studies, we aim to understand how discourses, produced by both men and women, unfold in contemporary society under Brazil's new conditions of production. We reflect on beauty standards, which are mostly unattainable and unrealistic, that prevail today, and especially on the rules of behavior and appearance that are dictated, above all, to women. Consequently, the female body, regardless of its physical form, frequently becomes a target of criticism and attacks in the virtual world, mirroring what occurs in real life. This dynamic highlight and reinforces aspects of the patriarchal system and a society imbued with prejudiced ideas and marked by significant gender inequality.

Keywords: female body; power; discourse; counter-discourse; Foucault.

1 Introdução

O corpo feminino é, por longos anos, objeto de investigação na sociedade. Claramente, quando falamos em corpo, não estamos nos referindo apenas à ideia de corpo enquanto estado biológico, empírico e estrutural, mas, conforme os pressupostos foucaultianos, como discurso, um discurso que revela em si a articulação de poder, ou seja, a relação corpo - poder. Assim, o corpo é compreendido, nesta análise, como um corpo social e sua existência só ocorre porque exerce poder. Para Foucault (1987, p. 164), “forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”, surgindo, assim, o processo de docilização dos corpos. Especificamente, quando pensamos em corpo feminino, portanto, temos a ideia de que esse corpo passa a ser mais útil quando é controlado e moldado pelo sistema, ou seja, a dominação do corpo das mulheres ocorre por meio de uma forma de poder. Esse mesmo corpo passa a ser entendido, então, como discurso, objeto de investigação da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, mas que também é discutido por Michel Foucault em seus estudos discursivos, os quais consistem em nosso arcabouço teórico-metodológico. Para esse autor, o discurso pressupõe uma ideia de prática. Essas práticas discursivas são determinadas no tempo e no espaço por um conjunto de regras que buscam compreender a movimentação dos “atos praticados por sujeitos historicamente situados” (Gregolin, 2006, p. 95).

Na sociedade moderna, o corpo feminino está constantemente sob holofotes, principalmente no ambiente midiático. A atenção recai, de modo predominante, sobre um padrão de beleza estabelecido culturalmente na nossa sociedade, o que, por conseguinte, gera discursos de ódio a respeito da imagem feminina nas redes sociais. Ao longo do percurso histórico, observamos que as mulheres foram alvos de discursos depreciativos, sexistas, machistas e que abordam a sua inferioridade em relação aos homens. Esse pensamento é fruto de um sistema patriarcal que ainda está arraigado na sociedade contemporânea – o qual dita, por exemplo, regras sobre o que a mulher precisa vestir, fazer ou se comportar, refletindo uma corporiedade fabricada, subjugada e docilizada, além de evidenciar diversos estereótipos sociais.

A partir desse cenário, o corpo feminino foi retratado, muitas vezes, como objeto sexual, o que evidencia uma prática de exclusão e de violência simbólica em relação ao gênero feminino que ocorre em diversos níveis – físico, psicológico, emocional – e em vários espaços, sobretudo, nas redes sociais – recentemente, lugar de maior interação e propagação imediata de informações. Sendo assim, podemos dizer que o corpo feminino, objeto de investigação desta pesquisa, foi construído ao longo da história como símbolo de violência e legitimado pelas práticas sociais que se (re)produzem nos/pelos discursos. Assim, as mulheres se tornaram vítimas de discursos de ódio na internet e os seus corpos passaram a ser foco de frequentes ataques sociais, sendo ridicularizados, humilhados e rebaixados diante de uma ditadura da beleza que impera, não só, mas principalmente, no meio virtual. Logo, propomos, nesta pesquisa, uma discussão e reflexão sobre os discursos sobre o corpo feminino que circulam no *Instagram*, no qual pretendemos evidenciar os diversos estereótipos que se materializam nos discursos virtuais, além de ressaltarmos, os contradiscursos sobre os corpos femininos, destacando as resistências frente ao ambiente virtual, pois, conforme Foucault (1979, p. 241) “a partir do momento que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência”, logo, “jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”, mesmo diante de modernidades tecnológicas.

Dessa forma, foram selecionados quatro casos que ganharam grande notoriedade no Brasil. A escolha e seleção do *corpus* ocorreu mediante repercussão na mídia e, principalmente, no *Instagram*, sendo eles o da influencer Thaís Carla, o da Lua, o da cantora Maiara e o da atriz Paolla Oliveira. A partir da proposta de Foucault, esses exemplos foram investigados, levando em conta o discurso de ódio que circunda o discurso do controle do corpo feminino, evidenciando as relações de poder inerentes a uma sociedade machista e que são (re)produzidas nessa rede social. Nessa perspectiva, tais casos foram selecionados no intuito de evidenciar que a mulher, independentemente de sua idade e posição social, muitas vezes, é criticada e subjugada devido sua aparência e à ditadura da beleza que reina no mundo contemporâneo.

Para isso, buscamos traçar um sucinto panorama sobre a trajetória das mulheres no decorrer dos tempos, destacando os feitos na luta pela busca de uma sociedade mais respeitosa e igualitária, bem como discorrer sobre os diferentes efeitos de sentidos acerca do que tematiza o corpo feminino, revelando, desse modo, que ao mesmo tempo que se reproduz discursos misóginos e depreciativos sobre a mulher, também observamos novos sentidos e um contradiscurso como modos de resistência e de (re)existência no *Instagram*. Para tal, coletamos algumas imagens e comentários divulgados nesse ciberespaço que reverberam os intensos ataques de ódio ao corpo feminino, tal como a luta pela desconstrução de estereótipos e autoaceitação de corpos reais. Portanto, nossas reflexões se inserem no campo de estudo da Análise do Discurso (AD) e na ideia de corpo postulada por Michel Foucault.

2 O movimento feminista

O percurso histórico das mulheres no ocidente sempre foi marcado por uma série de lutas e buscas incessantes por direitos e melhores condições de vida. Nessa dura e árdua jornada, muitas mulheres tiveram que se rebelar contra sua condição e ir em direção contrária ao sistema imposto, o que, conseqüentemente, obrigou-as a pagarem o “preço” da liberdade com suas próprias vidas, a exemplo, o período da Santa Inquisição instaurado pela Igreja Católica, o qual foi impiedoso e incompaciente com qualquer mulher que ferisse ou desrespeitasse os princípios e dogmas pregados pela chamada fé cristã.

No Brasil, o movimento feminista se inicia com o esforço das mulheres em serem reconhecidas e incluídas no processo eleitoral. Nesse sentido, a primeira onda do feminismo no país foi marcada pela luta do direito ao voto, em que as mulheres que participaram desta disputa ficaram conhecidas como *suffragettes*.¹ Após um intenso período de confrontos, em 1932 – com a promulgação do Novo Código Eleitoral brasileiro –, as mulheres finalmente conquistaram o direito ao voto e alcançaram um grande avanço na história. Ao falarmos sobre feminismo, não podemos esquecer da década de 60 que foi, sem dúvidas, um grande marco para as mulheres do mundo ocidental. O período foi marcado por grandes transformações e reformas culturais que ocorreram em diferentes esferas: sociais, políticas e ideológicas. Os anos 60 consagraram, então, a segunda onda do feminismo e revolucionou os direitos das mulheres, tais como: maior liberdade de ser e de agir em sociedade, além da liberdade de controlar o seu próprio corpo, com o surgimento da pílula anticoncepcional. A segunda onda do feminismo surge com mais força, fortalecendo e encorajando o sujeito feminino a questionar as relações de poder existentes entre os homens e as mulheres.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (Pinto, 2010, p. 16).

O Brasil, na década de 1960, passou por um momento divergente do restante do mundo, enquanto a Europa e os Estados Unidos clamavam por mais liberdade cultural, social, política e ideológica. O país enfrentava um cenário caótico cheio de conflitos e repressão causados pela Ditadura Militar, decorrente do Golpe de 1964. Sendo assim, as manifestações

¹ No artigo intitulado “*Suffragettes* nos trópicos?!: A primeira fase do movimento sufragista no Brasil”, a Prof^a Dr^a Mônica Karawejczyk, comenta a respeito da conquista do voto pelo movimento feminino (final do séc XIX e começo de século XX) e traz alguns esclarecimentos e nomes relacionados ao movimento. De acordo com Karawejczyk (2014, p. 330), o movimento sufragista “fez parte de um interesse específico das mulheres que, como um grupo organizado, tinham uma demanda específica: o reconhecimento da sua cidadania através do direito de votar e serem votadas” e, no Brasil, as principais representantes desse movimento foram Leolinda de Figueiredo Daltro à frente do Partido Republicano Feminino (PRF) e Bertha Lutz, líder da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM).

feministas ocorreram timidamente a partir dos anos 1970. Já em 1980, o Brasil vivencia uma nova fase do feminismo e outros debates surgem em prol da luta feminina. Diante disso,

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (Pinto, 2010, p. 17).

Segundo Pinto (2010), o movimento feminista no Brasil, embora tenha surgido na classe média intelectualizada, atingiu também as classes populares e marginalizadas, o que ocasionou no surgimento de novas perspectivas, debates e políticas em ambos os contextos sociais existentes. O feminismo surgiu na emergência de se debater e discutir questões sobre a típica expressão de “ser mulher na sociedade”, o qual propôs mudanças de paradigmas até então silenciadas na história. Entre as diversas reivindicações do movimento, não podemos deixar de mencionar que as mulheres buscavam ter suas vozes ouvidas e legitimadas socialmente tendo, assim, maior visibilidade, incluindo, também, visibilidade política ao corpo. Surge, então, uma emergência, que para Michel Foucault, consiste na irrupção de novos discursos, posicionamentos outros e em como essas novas práticas moldam a sociedade, revelando-nos um encontro de forças, uma vez que esse movimento surge na contramão de uma sociedade majoritariamente patriarcal.

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (Foucault, 1986, p.109).

Essas discussões emergiram em um contexto sócio-histórico, no qual os grupos, ditos minoritários, revelavam novos sujeitos políticos, novos questionamentos e representações e identidades outras, as quais possibilitaram múltiplas formas à vida, à política e ao social. Diversos grupos marginalizados como mulheres, negros, homossexuais, dentre tantos outros, tiveram suas vozes amplificadas e conquistaram o direito de falar e de serem ouvidos, abordando, a partir de temas específicos, suas vivências no mundo, o que rompia a corrente de discursos políticos tradicionais, como o discurso do homem-branco-cis-hétero, o qual, até então, era uno, universal e representava todos os sujeitos. Esses movimentos, por meio de problemas específicos de cada grupo, tinham o objetivo de reformular e modificar as relações sociais existentes e excludentes. Assim, o feminismo, ao questionar, de forma teórica e política, os mecanismos de controle do corpo e da sexualidade da mulher, além, é claro, de suscitar outras discussões, almeja(va) revolucionar as relações de gênero que atravessa(va)m o conjunto de relações sociais.

Portanto, a história das mulheres, bem como de seus corpos, foi marcada por uma jornada de repressão e de silenciamento, em que elas se olhavam, sobretudo, para seus corpos de acordo com a óptica dos homens e, conseqüentemente, da sociedade. E, deixando de lado

seus desejos, as mulheres seguiam as normas prescritas pela sociedade perdendo, assim, o domínio e controle do próprio corpo, o qual, por sua vez, deixa(va) de ser algo inteiramente individual e transforma(va)-se em “um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (Perrot, 2012, p. 76).

Na contramão deste pensamento, uma das ideias centrais do feminismo contemporâneo, no tocante ao corpo feminino, é o direito à liberdade, isto é, a ideia de as mulheres serem livres e terem o direito de escolha sobre os seus próprios corpos, surgindo assim, a máxima “nosso corpo nos pertence” – criada e defendida pelas feministas – e que levantava a pauta das relações de poder entre os gêneros no espaço público e privado. Tal discurso, à medida que representava um ato de liberdade e resistência feminina, também atribuía um novo efeito de sentido ao corpo, trazendo à tona o questionamento e a reflexão a respeito do corpo disciplinado e controlado. A luta pela liberdade do corpo ultrapassava o desejo e direito individual, pois era uma luta, também, em prol da liberdade de controle social dos corpos femininos, os quais eram mantidos sob a sexualidade normalizada e mantida nas relações heteronormativas do matrimônio.

O movimento feminista, dessa forma, trazia e ainda traz um discurso político a respeito do corpo ao declarar suas distinções, requerer seus direitos, exercer sua liberdade e opor-se incessantemente contra o controle social, ao qual era constantemente subjugado. Assim, podemos entender que o discurso feminista prega a insubmissão de um corpo dominado, mercantilizado, medicalizado, controlado por esferas políticas, sociais e ideológicas, arraigadas no pensamento de natureza humana e critica a noção homogênea e determinista da corporeidade.

3 O corpo na perspectiva foucaultiana

Michel Foucault possui uma vasta, e densa, bibliografia, em que trata, de forma inquietante, sobre diversos temas, sobretudo questões relacionadas aos discursos, ao saber, ao poder e ao sujeito, inserido em áreas tais como a História e a Filosofia. Segundo Gregolin (2006), esses trabalhos desenvolvidos por Foucault atravessaram diferentes épocas, buscando sempre complementar suas ideias com o intuito de compreender a sociedade moderna e como ela se constituiu.

Para tanto, Michel Foucault vai, inicialmente, trabalhar com seu projeto metodológico denominado arqueologia, que busca investigar os discursos, entendidos, para ele, não apenas como palavras e textos, mas como uma prática social, e como os saberes são produzidos, legitimados e moldados na História, pois é por meio desse espaço que os sujeitos constroem os discursos. Em seu projeto genealógico, o filósofo procura analisar o conceito de poder. Para Foucault, essa concepção toma um outro sentido, uma vez que o poder não é tido como uma força repressiva, mas sim que esse conceito também tem seu lado positivo, produzindo saberes. O poder, nessa perspectiva, não parte apenas da soberania do Estado, mas se pulveriza na sociedade, formando-se em micropoderes, nos revelando que ele não está centralizado, logo, manifesta-se em vários níveis. Diante disso, o autor aponta que o poder não existe, mas sim relações de poder, ou seja, uma ação sobre ações (Ferreirinha; Raitz, 2010). Em resumo,

[...] Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz

não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 1979, p. 8).

Como mencionamos acima, os trabalhos empreendidos por Michel Foucault não se separam, mas se complementam. A partir do projeto genealógico, o autor começa a aprofundar em seus estudos a relação entre saber-poder, pois “Não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (Foucault, 1987, p. 30). Em sua obra *Vigiar e Punir*, o autor passa a tratar sobre o controle dos corpos e afirma que o corpo está mergulhado em um campo político e que as relações de poder

têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação (Foucault, 1987, p. 28).

Foucault, portanto, conforme Revel (2005, p. 310), centra suas análises buscando “compreender como se passou de uma concepção do poder em que se tratava o corpo como uma superfície de inscrição de suplícios e de penas a uma outra que buscava, ao contrário, formar, corrigir e reformar o corpo”.

Com a chegada do século XX o corpo feminino rompeu com certos paradigmas antes impostos na sociedade, o corpo que, antes era escondido e invisibilizado, agora passou a ser constantemente exposto, sobretudo, na mídia. Por um lado, a mulher teve sua imagem sexualizada nos meios de comunicação de massa, o corpo feminino, independentemente de formas físicas e padrões estéticos, foi escancarado, também, no mundo digital e, assim, foi se transformando e adaptando-se a outros cenários sociais. Contudo, por outro lado, a mulher passou a ter mais autonomia em suas escolhas, principalmente no que diz respeito ao seu corpo, e, vagarosamente, foi desconstruindo a crença de que seu corpo pudesse não lhe pertencer.

Nessa perspectiva, Foucault (1998) afirma que a vontade de governar seus próprios corpos sempre fora uma questão de disciplina. É justamente por isso que essa vontade e intuito de controle dos corpos se manifestava em diferentes épocas e momentos históricos, desde a cultura dos corpos nus marcada pelas indígenas, até o movimento de liberdade de decisões referentes às vestimentas das mulheres do século XXI. Logo, o corpo, especialmente, o feminino, tornou-se um “uma realidade biopolítica” (Foucault, 1998, p. 80) passando a ser controlado por sujeitos de uma dada sociedade. É por meio dessas relações de força, presentes nos discursos, que podemos compreender as manifestações ‘do’ e ‘sobre’ o corpo feminino nas redes sociais, buscando revelar como os corpos desses sujeitos, ainda, são, de alguma forma, controlados e permeados por discursos de ódio, advindos, muitas vezes, das próprias mulheres.

4 O corpo feminino sob holofotes: os discursos de ódio no Instagram

O século XXI, conforme o influente sociólogo Zygmunt Bauman, é marcado por uma sociedade imediatista e imersa em padrões culturais, no qual observamos a imposição de padrões estabelecidos socialmente (Bauman, 2010). Para o autor, a cultura carrega como parâmetro o grau de liberdade de escolha dos sujeitos, trazendo consigo, também, as grandes exigências da sociedade moderna:

A cultura de hoje é feita de ofertas, não de normas. A cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/desejos/exigências, não de coerção. Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores, na esperança de atraí-la e conservá-la por pouco mais de um breve segundo (Bauman, 2010, p. 43).

Com a chegada da sociedade moderna, estipulou-se socialmente uma ideia de beleza única e universal, isto é, instaurou-se um padrão de beleza no mundo contemporâneo fortemente influenciado e propagado pela mídia que, por consequência, disseminou diversos estereótipos, sobretudo, de gênero. Moreno (2008) afirma que

é inegável a influência da mídia hoje, particularmente da TV, na formação da subjetividade da população. Os modelos – de valor, beleza, felicidade – são introjetados desde a mais tenra infância e passam a ser modelos aspiracionais. É com a Barbie ou a Gisele Bündchen que as meninas e mulheres querem se parecer hoje. Afinal, ambas são referência de como a sociedade nos vê, nos quer e nos valoriza (Moreno, 2008, p. 30).

Diversas vezes que, plataformas midiáticas como: *Instagram*, *Facebook*, X (antigo *Twitter*), ao propagarem uma infinidade de conteúdos que fascinam e atraem os sujeitos a alcançarem um corpo “perfeito”, influenciam não só o consumo da sociedade brasileira, mas também a consolidação de comportamentos, hábitos e costumes. Logo, o sujeito feminino, para atingir o ideal de beleza imposto pelo mundo moderno, na maioria das vezes, sujeita-se aos modelos socioculturais, os quais encontram um campo fértil na mídia e, por conseguinte, instalam-se no imaginário coletivo, tornando-se verdades absolutas. Conforme Wolf (2020, p. 13), a população feminina sabia, de maneira consciente, que “o ideal era ser alta, magra, branca e loira, com um rosto sem poros, sem assimetrias nem defeitos; uma mulher totalmente ‘perfeita’, alguém que elas de algum modo percebiam que não eram”.

Paralelamente a isso, surge, na internet, pessoas que possuem um grande público, ou seja, muitos seguidores nas redes sociais, os que as fazem, desse modo, exercerem grande influência no ambiente virtual e, exatamente por esse motivo, recebem a alcunha de “*influencers* digitais”. No quesito influência, o *Instagram* se tornou um lugar extremamente poderoso para ditar padrões, preponderantemente, às mulheres, trazendo “imagens que repetem, insistem, complementam-se e somam na mesma mensagem, sobre como nos querem e como deveríamos gostar de ser” (Moreno, 2008, p. 39). Imediatamente, ao nos conectarmos ao mundo

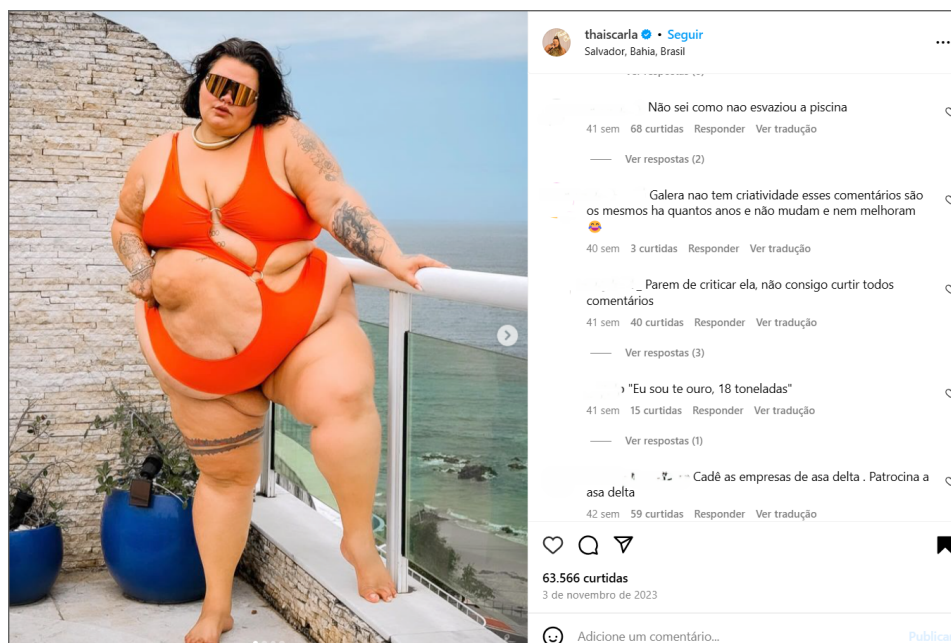
virtual, deparamo-nos com incontáveis discursos midiáticos opressores e sexistas, embasados em um sistema patriarcal que ainda reina na sociedade atual, que ecoam regras sobre comportamento, moda, beleza, além de outros aspectos relacionados ao universo feminino.

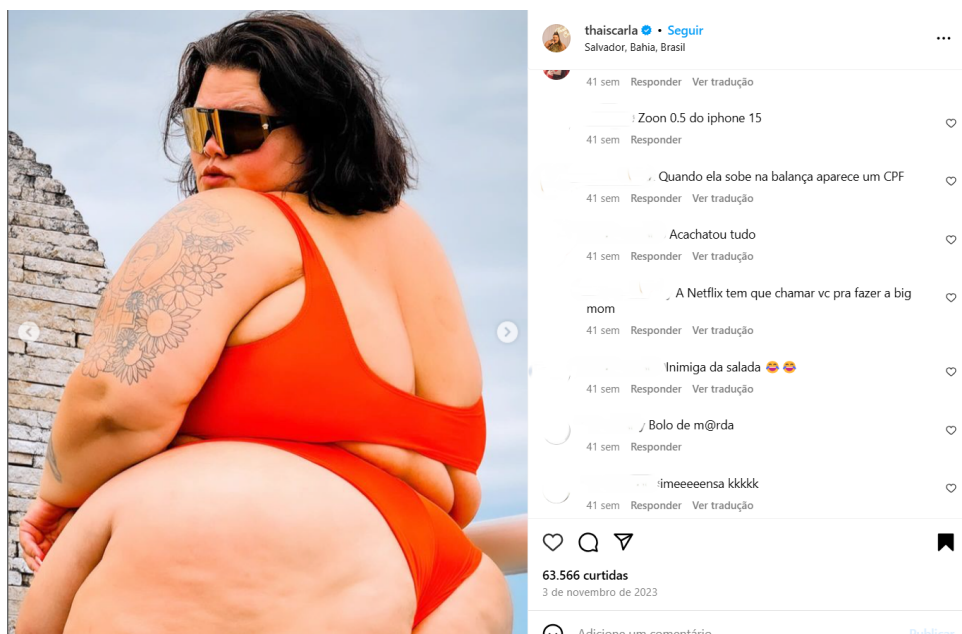
Observamos, então, que as *influencers* digitais, assim como outros instrumentos de manipulação da mídia, reproduzem com veemência um ideal de beleza, um modelo que deve ser seguido à risca, principalmente pelas mulheres, e aquelas que não o seguem, tornam-se alvos de discursos de ódio na internet, passíveis à tortura e à punição psicológica. Há, nesse processo, a aplicação de uma tecnologia de poder, a qual, seguindo na esteira de Foucault (1987), não se refere a algo físico, mas sim a uma “anatomia política”, ou seja, a um poder disciplinar que dita e normativiza, que age sobre o corpo do outro.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (Foucault, 1987, p. 164).

A imagem 1 é um exemplo claro dos discursos de ódio produzidos contra as mulheres que fogem da “ditadura da beleza”, evidenciando um reflexo de como a sociedade impõe padrões estéticos e modelos de perfeição aos corpos femininos, julgando-os e inferiorizando-os.

IMAGEM 1 - O corpo gordo no Instagram





Fonte: https://www.instagram.com/p/CzM56QgpOoa/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFlZA==. Acesso em: 24 ago. 2024.

A cantora e *influencer* Thais Carla é alvo recorrente de críticas em seu perfil no *Instagram* devido ao seu corpo. Imediatamente ao acessarmos a conta da artista, deparamo-nos com uma avalanche de comentários ofensivos, humilhantes e gordofóbicos. Thaís Carla expõe livremente seu corpo em suas redes sociais, levantando a bandeira do empoderamento² feminino e a aceitação de corpos reais. Seu perfil na respectiva plataforma midiática é aberto, ou seja, todos podem vê-lo e acessá-lo sem restrições, o que inclui, também, realizar qualquer comentário em suas postagens.

Chama-nos atenção o segundo e terceiro comentário, em que os sujeitos que comentam a respectiva publicação se sentem felizes e alegres com todos os discursos de ódio que a cantora vem recebendo em seu perfil, ou seja, a sensação de felicidade pela infelicidade do outro. De acordo com Foucault (1997, p.146), “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”. Logo, os discursos proferidos e apreendidos por meio dos comentários, levam para efeitos de sentidos de ódio, revelando formações discursivas (FDs) que, neste caso, além de possuírem raízes machistas possuem, também, caráter misógino. De acordo com Machado (2024, p.102):

(...) os posicionamentos homem e mulher, dentro do meio social, acabam sendo determinados pelas próprias formações discursivas, as quais determinam os dizeres (inclusive os não dizeres) e, por consequência, o próprio corpo social, ou seja, os lugares na sociedade.

² Compreendemos o empoderamento como “processo pelo qual as mulheres alcançam autonomia e autodeterminação, bem como um instrumento para a erradicação do patriarcado, um meio e um fim em si”, além de, também, “questionar, desestabilizar e, eventualmente, transformar a ordem de gênero da dominação patriarcal” (Sardenberg, 2010:235).

Conforme Orlandi (2015, p. 41), “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Desse modo, os comentários “quando ela sobe na balança aparece um CPF” e “inimiga da salada” e “imensaaaa”, demonstram, claramente, a imposição de um ideal de beleza, um padrão estético estabelecido no meio social, o qual revela a cultura da magreza em nossa sociedade, isto é, o designado como bonito é o corpo magro, por isso a única forma de o sujeito ser visto como tal é ele ser magro, mesmo que para isso ele tenha que se submeter a dietas perigosas a sua saúde e até renúncia da sua própria identidade. Assim, os meios de comunicação de massa fizeram com que acontecesse uma construção capitalista de identidades e subjetividades.

O comentário “bolo de m@rda” utiliza termos pejorativos e ofensivos para denominar as formas corporais de Thaís Carla. O comentário, além de exemplificar a misoginia ainda presente na sociedade moderna, também mostra o reflexo de uma sociedade gordofóbica que se utiliza de determinadas características do corpo para inferiorizar a mulher. O comentário “Cadê as empresas de asa delta. Patrocina asa delta” também usa de termos pejorativos e ofensivos para se referir ao tamanho do maiô utilizado pela cantora, o que reforça, mais uma vez, a imposição de um padrão de beleza.

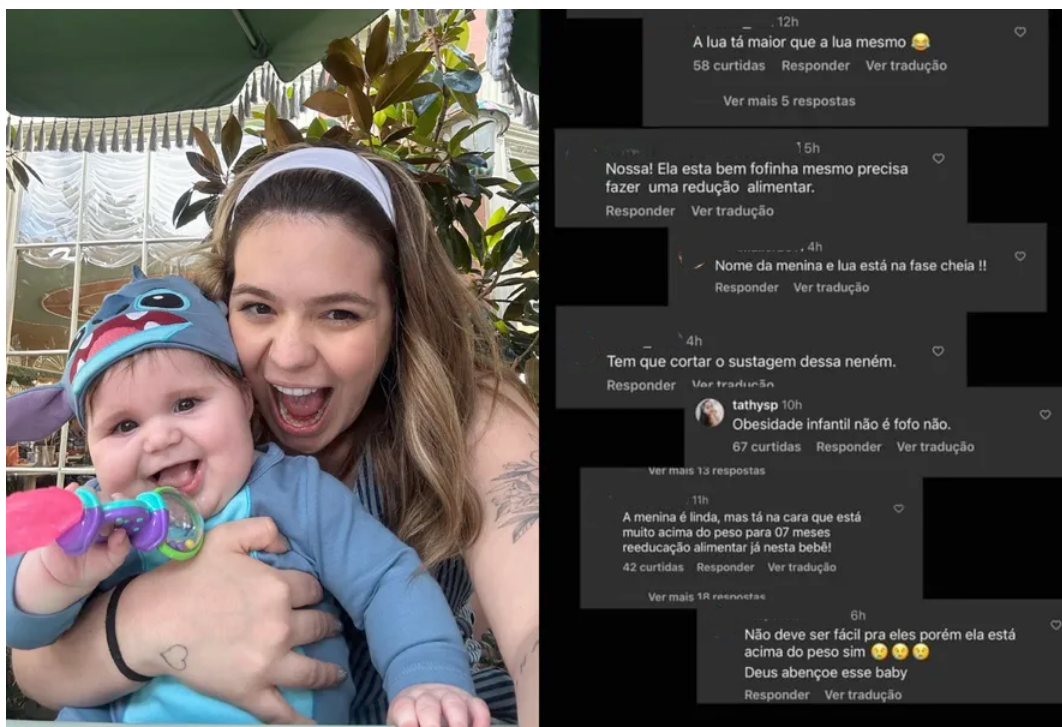
Apesar de incontáveis comentários negativos ao corpo de Thaís Carla, ela também recebe alguns elogios sobre sua aparência e sua forma física, entretanto, a fama e a repercussão da artista na mídia ainda geram tabus, pois a fama, neste caso, funciona, supostamente, como justificativa para os comentários elogiosos em suas fotos. Embora ainda haja inúmeros comentários ofensivos e depreciativos direcionados à Thaís Carla, ela continua firme na luta pela liberdade e empoderamento – algo importante a ser debatido na sociedade contemporânea – e expõe seu corpo no *Instagram* como uma forma de resistência e, com isso, serve de inspiração para outras mulheres. Percebemos, assim, que o corpo gordo feminino no *Instagram* não apenas existe, mas resiste, tanto o corpo quanto os comentários nos mostram que onde há articulação de poder, há resistência. A influenciadora digital, ao postar suas fotos na rede social, retira da invisibilidade o corpo gordo feminino e mostra ao mundo sua existência, o que representa, inclusive, uma relação de poder, já que

o poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” –entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (Foucault, 2006, p. 244).

Portanto, as fotos da influenciadora digital representam uma mulher resistindo aos parâmetros de beleza estipulados no meio social e impulsionados pela mídia; mesmo diante de diversos preconceitos criados socialmente em relação ao corpo feminino, a artista quebra tabus preconcebidos resistindo na sua existência e por meio de seu corpo.

Outro caso que ficou conhecido nas redes sociais e gerou grande repercussão foi o da Lua, filha dos ex-participantes do programa *Big Brother* Brasil, ViihTube e Eliéser. A criança, que na época não havia completado um ano de idade, passou a sofrer ataques, principalmente no *Instagram*, com relação ao seu peso. Na sequência, selecionamos alguns dos comentários referentes à menina, na época, com 7 meses de idade:

IMAGEM 2 - Os padrões corporais na criança



Fonte: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/11/viih-tube-expoe-comentarios-gordofobicos-direcionados-a-lua-obesidade-infantil.ghml>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Com os constantes ataques relacionados ao seu peso, os pais da criança resolveram tomar algumas medidas. Eles contrataram uma equipe que ficou monitorando os comentários nas redes sociais para que todos fossem processados. O pai da criança afirma que já processou cerca de 200 pessoas que fizeram comentários maldosos sobre o peso de sua filha.³ É importante salientarmos que certos comentários extrapolam o que se entende por liberdade de expressão.⁴ De acordo com Butler (2021, p. 13), a pessoa, “ao ser chamada de algo injurioso, ela é menosprezada e humilhada”. A mãe, enquanto isso, assevera em entrevista à *Revista Quem* que esses comentários não são de preocupação, mas sim de maldade, e declara que sua filha é assistida por vários profissionais de saúde e confirma que a menina está saudável.

Ao analisarmos os comentários referentes à aparência da criança, é possível constatar que não se trata, em absoluto, de “liberdade de expressão”, mas sim de um caso de violência verbal. Nesse sentido, entendemos que não há limites no que concerne aos padrões corporais, visto que até mesmo o corpo de um bebê não escapa dos chamados comentários, os quais não são raras às vezes que se traduzem nocivos ao bem-estar do ser humano. Conforme Butler (2021, p. 17), “certas palavras ou certas formas de chamar não apenas ameaçam o bem-estar físico; o corpo é alternadamente preservado e ameaçado pelos diferentes modos de endereçamento”.

Verificamos, também, que o corpo “fora das curvas”, ou melhor, o corpo fora dos padrões corporais determinados pelo pensamento dominante – o corpo gordo – na maio-

³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/eliezer-revela-que-esta-processando-mais-de-200-perfis-por-ataques-a-filha-lua,7b512b6c83065bf112d012faa848foa605jhjpdz.html>. Acesso em: 16 set. 2024.

⁴ Da liberdade de manifestação do pensamento e da informação. Disponível em: L5250 (planalto.gov.br). Acesso em: 10 out. 2024.

ria das vezes é associado a doenças, por exemplo, obesidade. Isso fica claro nos comentários expostos, especialmente, quando uma seguidora declara: “obesidade infantil não é fofo não”. Além disso, notamos ainda que o discurso agressivo destinado ao corpo feminino em questão é, muitas vezes, velado, disfarçado e mascarado na ideia de um comentário “bem-intencionado”, demonstrando certa “compaixão” ou preocupação e zelo pela criança, como pode ser observado nas falas “Nossa! ela está bem fofinha mesmo. Precisa fazer uma reeducação alimentar”, “Tem que cortar o sustagem dessa neném”, “Não deve ser fácil para eles, porém ela está acima do peso sim (emojis de choro) Deus abençoe esse baby”. Ademais, outro aspecto relevante a ser analisado é o discurso de ódio transvestido em tom de piada e deboche, tal como visto em “A Lua tá maior que a lua mesmo (emoji de riso)”, “Nome da menina é Lua e está na fase cheia!!”.

É importante lembrarmos, ainda, que a mãe de Lua, ViihTube, também sofreu sérios ataques em suas redes sociais após mostrar sua rotina e o seu corpo real após o nascimento de sua filha. A exposição do corpo de figuras públicas, como a da Ex-BBB, após experiências significativas como a maternidade, suscita uma série de discussões no ambiente midiático, já que esse processo, enquanto um marco biográfico e social, muitas vezes, transforma o corpo feminino em um espaço de escrutínio intenso, no qual padrões estéticos e expectativas sociais convergem para estabelecer normas de aceitação.

IMAGEM 3 - A cobrança do corpo perfeito pós-maternidade



Fonte: Pressão estética, ditadura da beleza e ataques virtuais: o que as críticas ao corpo de Paolla Oliveira – e a reação em defesa da atriz – revelam – Jornal O Mossoroense. Acesso em: 11 out. 2024.

A ex-participante do *reality show* enfrentou críticas devido ao seu sobrepeso e recebeu diversos comentários questionando por que não tinha optado pela lipoaspiração, uma vez que teria recursos financeiros para isso. A influenciadora respondeu a essas publicações, afirmando que esse procedimento não fazia parte de seus planos e recordou, na época, que sua maternidade era recente, com apenas alguns meses. Logo, os ataques direcionados ao corpo de Viih Tube podem ser analisados sob a ótica da cultura do corpo e da vigilância social.

A sociedade contemporânea frequentemente impõe ideais de beleza que tendem a se distanciar da realidade da experiência materna, promovendo uma imagem de corpo “ideal” que desconsidera as transformações naturais que ocorrem durante e após a gravidez. Esse fenômeno pode ser entendido como uma manifestação do machismo estrutural, que perpetua a desvalorização do corpo feminino e promove uma pressão incessante para que as mulheres se conformem a padrões estéticos específicos. Pressão ou obediência cega, o que cremos ser importante pontuarmos é a influência determinada por práticas sociais e por uma tecnologia de poder empreendida não só pela sociedade, mas também pelo próprio sujeito. De acordo com Milanez (2011, p. 277), “a beleza como forma de controle e gerenciamento de si é uma técnica de governo que inclui o próprio sujeito, num primeiro momento, para depois abarcar o governo do outro.”

Com o intenso acesso às redes sociais, a exposição do corpo feminino, seja magro ou gordo, tornou-se algo frequente na sociedade contemporânea, o que nos faz refletir que “diferentemente das nossas avós, não estamos mais preocupados em salvar nossas almas, mas salvar nossos corpos da desgraça e da rejeição social” (Del Priore, 2013, p. 36). Muitas mulheres, por livre escolha ou simplesmente cederem às pressões sociais, modificam seus corpos e suas aparências tentando, assim, enquadrar-se aos padrões corporais estipulados na sociedade moderna.

A esse respeito, temos o exemplo da cantora Maiara, da dupla sertaneja Maiara & Maraisa, a qual recentemente passou por uma grande transformação em sua aparência. Vale lembrar que a dupla sertaneja, no início da carreira artística, sofreu diversos preconceitos tal como o de gênero, pois foram uma das poucas duplas femininas inovando em um ritmo musical que, até o seu surgimento, era preponderantemente masculino. Além disso, as cantoras enfrentaram também uma série de preconceitos relacionados à aparência, pois aos olhos dos “ditadores” da moda e da beleza, elas estariam acima do peso e, com isso, fora dos padrões aceitos socialmente.

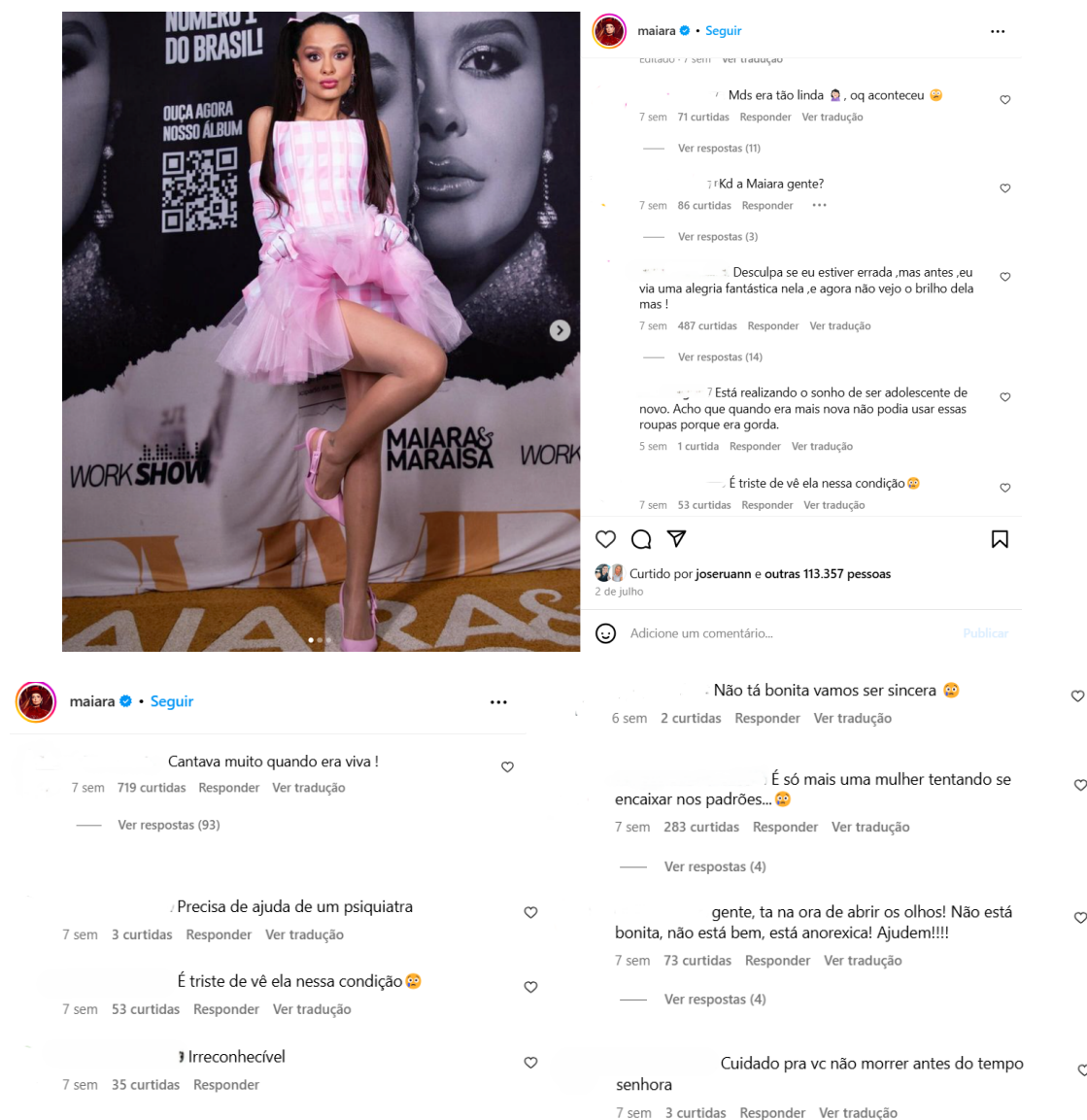
IMAGEM 4 - Antes e Depois de Maiara da Dupla Maiara & Maraisa



Fonte: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2024/03/maiara-revela-quantos-quilos-perdeu-em-um-ano-e-diz-que-fez-operacao-de-guerra-para-emagrecer.ghml>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Recentemente, a cantora Maiara tem chamado atenção em suas redes sociais pela sua nova aparência. A cantora sertaneja, após a insatisfação com o seu próprio corpo e a preocupação com a saúde, decidiu passar por um longo processo de emagrecimento, o que incluiu diversos procedimentos estéticos como, lipoaspiração e bariátrica. Ela ainda relatou em seu *Instagram* a respeito dos comentários negativos que vem recebendo em suas fotos, os quais, muitos, associam sua magreza a alguma doença. A artista rebate as críticas recebidas dizendo que não está doente e que está muito satisfeita com seu atual corpo, está “perfeita”.⁵ Embora Maiara tenha explicado suas razões e motivos da sua mudança corporal, continuou sendo duramente criticada pelo seu físico, conforme ilustrado na imagem 5.

IMAGEM 5 - O corpo magro no *Instagram*



Fonte: https://www.instagram.com/p/C87aQTdurwv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNW-FIZA==. Acesso em: 25 ago. 2024.

⁵ Maiara da Dupla sertaneja Maiara&Maraissa rebate críticas sobre seu corpo em uma Live em seu Instagram. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/maiara-fala-que-esta-com-cerca-de-47-kg-e-fez-bariatrica.ghml>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Chama-nos atenção que a maioria dos comentários ofensivos e depreciativos relacionados à forma corporal da cantora são produzidos pelas próprias mulheres, as quais deveriam apresentar mais sororidade⁶ e não ataques. Toda essa ideia de que a mulher é algoz da própria mulher e, por isso, incapaz de ser solidária com a outra, na realidade, é a eterna máxima ditada por uma sociedade machista, a qual se utiliza do jogo hierárquico e de relação de poder/força criado e imposto por um posicionamento masculino, advindo de uma sociedade genuinamente patriarcal. Conforme descrito por Foucault (1988, p. 112-113),

[...] Não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo de que teoria implícita derivam, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia – dominante ou dominada – representam; mas, ao contrário, cumpre interrogá-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos).

De acordo com os estudos de Foucault (1988), podemos refletir acerca da complexidade dos discursos de ódio que circulam nas redes sociais proferidos pelas próprias mulheres. Ao analisarmos os comentários negativos que as mulheres constantemente realizam umas das outras, podemos verificar como esses discursos funcionam como táticas que operam dentro de uma relação de poder. Esses discursos de ódio, muitas vezes, evidenciam as inseguranças e as pressões sociais que as mulheres enfrentam em um mundo que, historicamente, coloca-as em posição de inferioridade e de incapacidade em relação ao homem. Devemos entender esse fenômeno como uma forma de controle social, em que o discurso negativo se torna uma ferramenta para perpetuar a hierarquização e a rivalidade na sociedade, principalmente entre mulheres, em vez de promover a solidariedade e o apoio mútuo.

Quando consideramos a ideia de que não existe um discurso do poder unilateral, mas sim uma rede de discursos que interagem e entrelaçam-se, fica claro que as críticas que as mulheres dirigem umas às outras não são apenas expressões individuais, mas sim parte de uma estratégia mais ampla que está inserida nas dinâmicas sociais e nos contextos de poder existentes. Esses discursos podem apresentar diferentes faces – ora reforçando estereótipos de gênero, ora contestando-os – mas, em última análise, eles revelam uma luta por espaço e reconhecimento em um sistema que frequentemente marginaliza as vozes femininas.

Ao observarmos o primeiro comentário fica clara a imposição de uma “beleza ideal”, a qual você não pode ser gorda, porém também não pode ser tão magra para ser aceita socialmente. Percebemos, então, um padrão de beleza inatingível, pois o corpo feminino sempre

⁶ É importante compreendermos a noção de sororidade de uma forma mais aprofundada e específica, o que, por sua vez, se desassocia do senso comum. Assim, a origem do termo é a palavra latina *soror*, que significa irmã. É como fraternidade, formada a partir do latim *frater*, que significa irmão. [...] Sororidade, no entanto, não é apenas o feminino de fraternidade. O substantivo se apropria de significados como solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre mulheres é possível lutar pelo direito de todas (Roschel, 2020, p. 8).

será alvo de críticas e de julgamentos sociais. A procura inalcançável pela beleza está intrinsecamente relacionada a aspectos ideológicos que predominam em nossa sociedade. Por muitos anos, acreditava-se no mito de que o corpo gordo ou o corpo muito magro eram sinais de doenças, como exemplificado no comentário “precisa de ajuda de um psiquiatra”, “gente, tá na ora de abrir os olhos! Não está bonita, não está bem, está anoréxica! Ajudem!!!!”. Quando o corpo feminino se expõe e mostra para a sociedade que as mulheres podem ter os corpos que quiserem, inclusive fora dos padrões, a culpa, os estereótipos e os estigmas sociais que imperam na mídia, sobretudo, no *Instagram* – uma plataforma digital criada com o intuito de postagens de fotos e vídeos – são direcionados às mulheres em forma de discursos de ódio ocorrendo, dessa forma, o massacre dos corpos femininos como submissão a um padrão de beleza imposto e enraizado na sociedade, conforme mencionado pela própria seguidora em seu comentário “É só mais uma mulher tentando se encaixar nos padrões...”. As mulheres reconhecem que existe uma padronização de beleza imposta, sobretudo, por meio da mídia. Na visão de Wolf (2020),

[...] o dinheiro movimenta a história com maior eficácia do que o sexo. Um reduzido amor-próprio na mulher pode ter um valor sexual para alguns indivíduos, mas tem um valor financeiro para toda a sociedade. A imagem insatisfatória que as mulheres têm de seu físico nos dias de hoje é muito menos consequência da concorrência entre os sexos do que das necessidades do mercado (Wolf, 2020, p. 79).

O corpo feminino passa, portanto, a ser idealizado e, como consequência, torna-se fruto do sistema capitalista, ou seja, a beleza, especialmente a beleza feminina, tem um preço e, na maioria dos casos, um preço muito alto a se pagar. A punição ao corpo/sujeito mulher é assunto, infelizmente, ainda muito em voga. No período da Idade Média, com a Santa Inquisição da Igreja Católica, mulheres morriam por irem contra a um sistema social; na atualidade, podemos dizer que a causa sofreu transformações, mas a consequência é quase a mesma, ou seja, muitas mulheres ainda morrem, devido à sujeição a um sistema de beleza padrão o qual oferece todo tipo de cirurgia e/ou procedimentos estéticos (conforme diversos casos divulgados na mídia).⁷

[...] na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar a sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. [...] Da Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras (Foucault, 2006, p. 289-290).

O terceiro comentário refere-se à sensação de felicidade/infelicidade que a mulher possui em relação ao seu corpo, isto é, de acordo com a forma corporal de uma mulher podemos, supostamente, delimitar seu estado emocional. Temos, portanto, uma noção de sujeito

⁷ Observamos frequentemente notícias trágicas de mulheres que sofrem alguma sequela e/ou consequência em decorrência de procedimentos estéticos e que, infelizmente, muitas levam à falência. A respectiva matéria é apenas um exemplo de muitos casos que vemos na mídia. Disponível em: Influencer morta após procedimento estético nos glúteos: veja 7 pontos para entender o caso | CNN Brasil. Acesso em: 26 ago. 2024.

assujeitado, ou seja, determinado/atravessado pela vida moderna em que, não só o seu corpo, mas também o seu aspecto emocional está à mercê de um sistema que controla a vida dos sujeitos, determinando o que é considerado bonito, normal, aceitável e, portanto, padrão a ser seguido. Conforme descrito por Foucault (2006, p. 291),

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção do sujeito. Penso, pelo contrário que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural.

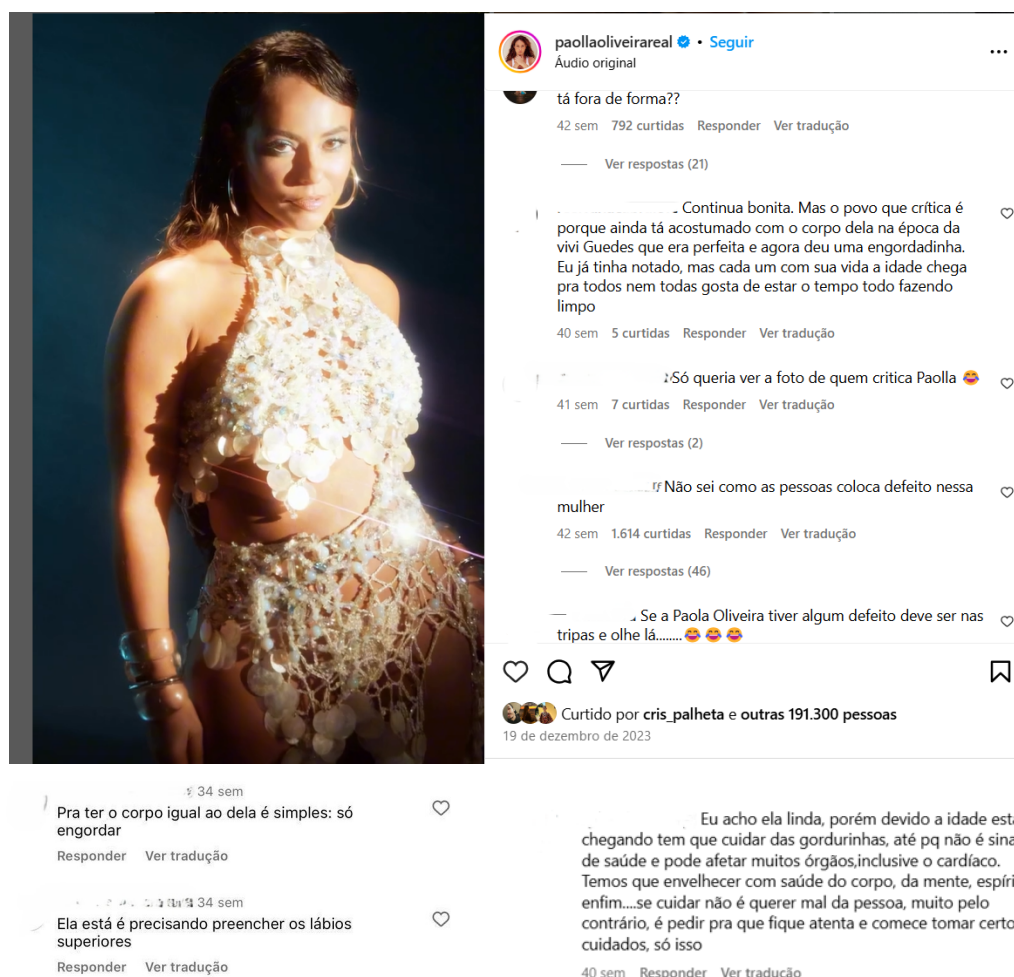
O quarto comentário ratifica, mais uma vez, o padrão de beleza instaurado na sociedade moderna, trazendo um discurso que implica a dedução de uma não aceitação da cantora, ou seja, surge a chamada não aceitação social, por isso, hipoteticamente, a cantora não se sente pertencida a um lugar: ela já passou pelo momento de ter um corpo gordo e era infeliz, porém, hoje, estando com um corpo magro também não encontra a felicidade, conforme o pensamento da seguidora. Além disso, o respectivo comentário também denota as aspirações de corpos que surgem ainda na infância e nos traz a reflexão de que uma parcela significativa de mulheres são invisibilizadas e não são representadas (com seus corpos e aparências reais) no ambiente midiático, o que causa uma “estranha sensação essa, a de mirar o que deveria ser uma janela para o mundo e não se ver retratada nela” (Moreno, 2008, p. 49). Notamos a complexidade, na sociedade moderna, em manter uma identidade mediante as críticas e julgamentos que a mulher recebe frequentemente, muitos dos quais, ferem até a sua própria existência como visto no comentário “Cantava muito quando era viva!” e “Cuidado pra vc não morrer antes do tempo senhora”. É nítido que existe um poder que incide sobre o corpo feminino e que tenta fabricar corpos ideais segundo os preceitos de verdade da sociedade contemporânea. De acordo com os estudos de Foucault (1998), a vontade de controlar os corpos era uma questão de disciplina. Por isso, independentemente da época, essa vontade e desejo se evidenciaram em todas as passagens históricas, desde o período da colonização com os corpos nus das indígenas, até à reflexão na sociedade moderna de corpos ideais e a livre escolha de vestimentas que as mulheres pudessem se sentir à vontade. Conforme nos lembra Foucault (1997, p.125), o corpo adotou uma posição biopolítica, em que há “uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder (...) corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, que responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”; enfim, um corpo controlado por determinados sujeitos numa determinada sociedade.

Na contramão do corpo magro exposto e criticado na mídia, especialmente, no *Instagram*, vemos também as críticas e julgamentos ao corpo de uma mulher, considerada por muitos, como a típica beleza brasileira (suas curvas são um exemplo de silhueta altamente valorizada na cultura brasileira). A atriz Paolla Oliveira, por longos anos, foi considerada um exemplo icônico de beleza no Brasil, refletindo as características físicas que, não raras às vezes, são celebradas no país. Seu corpo possui uma cintura bem definida que acentua suas curvas. As características de Paolla, como os quadris mais largos etc. são frequentemente associadas à estética brasileira, que valoriza formas femininas curvilíneas. Pelos seus traços e características marcantes, a atriz já chegou a ser considerada como uma das dez

mulheres mais bonitas do Brasil⁸ e, também, como uma das mulheres mais sexys do mundo.⁹ No entanto, mesmo com tantos atributos físicos cultuados na cultura brasileira, nem mesmo a renomada atriz escapou dos comentários referentes ao seu corpo no *Instagram*, sendo assim, mais uma vítima da “ditadura da beleza”.

Recentemente, Paolla Oliveira se tornou alvo de críticas nas redes sociais. Em dezembro de 2023, ela compartilhou um vídeo no seu *Instagram* se divertindo durante um ensaio da Grande Rio, a escola de samba na qual é rainha da bateria. Todavia, sua alegria foi ofuscada por uma avalanche de comentários sobre seu corpo, peso e idade, gerando um constante julgamento. A atriz que, no respectivo momento tinha 41 anos, ocupou pela sexta vez o posto de rainha de bateria na escola – um recorde. O referido vídeo que possui mais de 6 milhões de visualizações, gerou uma onda de ataques ao corpo de Paolla. Dentre os vários comentários como “gorda”, “fora de forma” e tantos outros discursos que indicavam que a atriz precisava fazer dieta, ou seja, seguir um padrão de beleza, visualizamos diversas expressões gordofóbicas, machistas e etaristas usadas tanto pelos homens quanto pelas próprias mulheres.

IMAGEM 6 - Críticas ao corpo da atriz Paolla Oliveira



⁸ Paolla Oliveira é eleita uma das 10 mulheres mais bonitas do Brasil. Disponível em: Paolla Oliveira é eleita uma das 10 mulheres mais bonitas do país | Metrôpoles (metropoles.com). Acesso em: 11 out. 2024.

⁹ A atriz, no ano de 2021, foi considerada como uma das mulheres mais sexys do mundo. Disponível em: Paolla Oliveira é eleita a mulher mais sexy do mundo (correio braziliense.com.br). Acesso em: 11 out. 2024.



Fonte: https://www.instagram.com/reel/C1DIzaOPXcT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIOD-BiNWFIZA==. Acesso em 11 out. 2024.

Vemos claramente, por meio dos discursos referentes ao corpo feminino, a imposição de um ideal de beleza inalcançável e de um padrão estético que se revela amplamente prejudicial à saúde das mulheres brasileiras, já que, muitas vezes, o sujeito feminino, ao se submeter a procedimentos e intervenções cirúrgicas na busca por conformidade a esse padrão inatingível, coloca-se em situações arriscadas e insalubres, comprometendo a sua própria qualidade de vida. Notamos, portanto, que o corpo da Paola, apesar de, por longevos anos, sempre se encaixar em todos os padrões de beleza impostos pela sociedade, ainda assim é alvo de discursos de ódio no *Instagram*.

Isso fica nítido quando observamos os seguintes comentários: “Para ter o corpo igual ao dela é simples: só engordar”, “No carnaval aparece magérrima”. Para muitos e/ou para os *haters*¹⁰, como são conhecidos na internet, a atriz está fora de forma, logo, fora dos padrões corporais exigidos pela sociedade. Além disso, percebemos que, independente do que faça ou de como esteja, a mulher sempre é criticada por algum atributo físico (ou mesmo emocional), isto é, sempre haverá uma expectativa de que a mulher se empenhe em aprimorar sua aparência. Um exemplo disso pode ser observado no comentário: “Ela está é precisando preencher os lábios superiores”.

¹⁰ Nascidos (ou reconhecidos) nestes ambientes virtuais, os *haters* podem formar organizações com estratégias minuciosas com o principal objetivo de disseminar a sua ideologia de ódio contra alguém ou mesmo contra grupos específicos. Na maior parte dos casos, estes sujeitos são considerados “fora-da-lei” e não parecem se importar com isso, pois ficam escondidos pelas máscaras dos *fakes* (perfis falsos). O seu discurso é repleto de violência explícita por meio das palavras que parecem gerar o efeito esperado justamente pelo seu excesso. Ou seja, as repetições, a quantidade de xingamentos, as ações coletivas programadas ou mesmo o alto teor de agressividade cíclica no discurso é o que traz o trauma ao sujeito a ser lesado (Rebs, 2017, p. 2513).

Ainda, notamos discursos etaristas como: “Tá na hora de se aposentar”, assim surgem os discursos preconceituosos, os quais intensificam a ideia de que se ficou velho, também ficou feio e por isso não pode mais fazer parte do ‘seleto’ grupo de perfeitos, belos e jovens. Lembrando Moreno (2008, p. 46), beleza e juventude andam juntas, por isso “na medida em que a beleza é o cartão de visitas e a perspectiva de boa aceitação, ninguém quer envelhecer”. Na contemporaneidade, a teoria do biopoder exercido sobre os corpos femininos tornou-se cada vez mais intolerante no que diz respeito aos desvios dos padrões de normalidade. Assim, novamente surgem discursos “bem-intencionados” referentes ao corpo feminino, os quais estão atrelados à ideia de que a mulher, ao passar pelo processo de envelhecimento, vai perdendo sua beleza e até mesmo ficando “relaxada” com sua aparência, conforme podemos notar no segundo comentário da imagem anterior: “Continua bonita. Mas o povo que critica é porque ainda tá acostumado com o corpo dela na época da Vivi Guedes que era perfeita e agora deu uma engordadinha. Eu já tinha notado, mas cada um com sua vida. A idade chega pra todos. Nem todas gostam de estar o tempo todo fazendo lipo” e “Eu acho ela linda, porém devido a idade estar chegando, tem que cuidar das gordurinhas, até pq não é sinal de saúde e pode afetar muitos órgãos, inclusive o cardíaco. Temos que envelhecer com saúde do corpo, da mente, espírito, enfim...se cuidar não é querer mal da pessoa, muito pelo contrário, é pedir para que fique atenta e comece tomar certos cuidados, só isso”. E, nesse sentido, mais uma vez, a noção foucaultiana de biopoder faz-se importante para compreendermos todo o processo de subjetivação do indivíduo, o qual se encontra envolto numa prática e atravessado por um poder “que penetra no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” (Foucault, 2008, p. 146).

Os mesmos sujeitos que colocam mulheres como Paolla Oliveira em um pedestal, as retiram quando percebem qualquer vestígio de envelhecimento e de um corpo real, que sofre os processos naturais da vida humana, pois o que se espera e deseja é um corpo fabricado. O envelhecimento, portanto, é algo “proibido” para as mulheres, mesmo as que ocupam uma posição privilegiada na sociedade e que estão ou ao menos já estiveram no topo dos padrões de beleza, assim como Paolla Oliveira. Foucault (1988, p. 160-161) esclarece que “[...] Quanto a nós, estamos em uma sociedade do “sexo” [...] os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de cominar, ou sua aptidão para ser utilizada”.

Logo, vemos um modelo de corpo que tem como objetivo submeter e excluir, de maneira asséptica, qualquer corporeidade que se distancie das normas estabelecidas no contexto social. Nesse sentido, notamos a relação dos pensamentos Foucaultianos ao corpo “envelhecido”. A disciplinarização exerce um papel fundamental ao categorizar os sujeitos, segmentando-os com base em suas potencialidades e nos níveis de valor atribuídos a eles. Este processo envolve uma análise detalhada e a decomposição de aspectos diversos, como pessoas, espaços, temporalidades e comportamentos. Tal abordagem visa não apenas a compreensão desses elementos, mas também a sua transformação. Além disso, realiza-se uma ordenação desses elementos, os quais são categorizados em função de objetivos específicos. Por fim, é implementado um adiestramento e uma vigilância contínua, em que são identificados sujeitos capacitados e aqueles considerados incapazes. De acordo com Foucault (1997, p. 153), isso seria “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições. Compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza”.

Outro comentário que nos chamou atenção foi o de uma seguidora que comenta: “Linda! Eu na adolescência morria de vergonha do meu pernã! Parabéns pela sua liberdade, vc

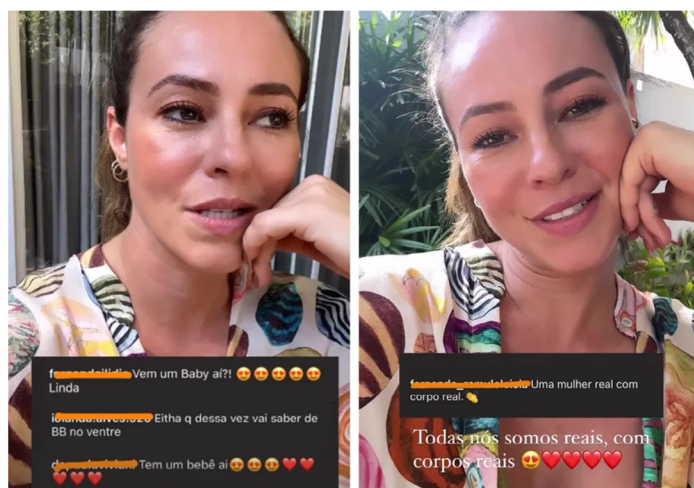
é linda demais”. No referido comentário, verificamos a presença de um discurso mais voltado para a importância da autoestima, já que tal questão emerge como um estigma associado àquelas pessoas que estão fora dos padrões corporais. Para sujeitos que nutrem preconceitos em relação à própria imagem, essa condição pode suscitar sentimentos de repugnância. No quesito “pernã”, conforme citado pela seguidora, em outra ocasião, Paolla Oliveira também foi criticada por esse motivo: segundo a própria atriz, ela passou por uma situação polêmica e constrangedora, tendo que ser substituída por uma “dublê de pernas” devido suas coxas fora do padrão.¹¹ Em relação à atriz, sua autoestima e liberdade são alvos de discursos que, possivelmente, servem de exemplo para outras mulheres, haja vista que, aos olhos de alguns, mesmo sem estar de acordo com os padrões sociais, a atriz se mostra e exerce sua “liberdade”.

Sendo assim, evidenciamos o quanto a beleza corporal feminina pode ser símbolo de poder para determinadas mulheres. A concepção de classe em relação ao corpo enfatiza a valorização do que é considerado “tendência” ou “moda”. O aspecto mais alarmante, conforme visto nos discursos anteriormente analisados, é que, independentemente de sua classe social, etnia ou crença religiosa, muitas mulheres continuam a se submeter a um processo de autocritica em relação à imagem corporal que possuem, tal como o comentário: “Se isso for “fora de forma” Owww meu Deus Eu falo o que de mim, então?! (emoji de riso)”. Porém, a beleza natural, ou seja, sem cirurgias e procedimentos estéticos, revelam discursos de empatia, dado que também observamos comentários que parabenizaram a atriz pela sua liberdade e coragem de expor o seu corpo real, sem filtros e retoques em suas fotos e vídeos.

O corpo de Paolla Oliveira se movimenta como um símbolo de resistência e empoderamento, sobretudo, nas redes sociais, funcionando como uma fonte de inspiração para que outras mulheres também se libertem e resistam aos padrões de beleza impostos.

A atriz, após o ocorrido, pronunciou-se em seu *Instagram* e, por conseguinte, levantou a bandeira da liberdade e de corpos femininos reais.

IMAGEM 7 - Pronunciamento de Paolla Oliveira



Fonte: Paolla Oliveira desabafa após comentários sobre seu corpo: “Nem toda barriga é de bebê” (globo.com). Acesso em: 15 out. 2024.

¹¹ Paolla Oliveira comenta em um *Podcast* que já precisou ser substituída em um comercial de absorvente por causa de suas coxas grossas. “Já tive um dublê de perna porque minha perna não era boa o suficiente”, disparou a atriz, que também revelou sua luta contra a pressão estética sobre os corpos femininos. Disponível em: Paolla Oliveira, criticada por corpo ‘fora do padrão’, revela situação polêmica com dublê de pernas em comercial: ‘Coxa muito grossa’ - Purepeople. Acesso em: 15 out. 2024.

Paolla Oliveira, após a grande repercussão de seu vídeo no ensaio de carnaval, conforme fontes da Revista Quem, comenta e rebate algumas críticas e ataques que recebeu: “Vocês acharam que eu estava de barriga? Quer saber, com barriga ou sem barriga eu estava me achando linda, é isso que importa. E vem cá, gente, nem toda barriga é de bebê, não. Mas o que eu queria falar é que a gente tem que se cuidar, sim, isso faz parte, mas, principalmente, pra gente se sentir saudável, bem e linda. E não ficar linda. E o que eu quero para o meu Carnaval é ter disposição, ter animação. E fica um alerta aqui, falar do corpo do outro é uma coisa bem séria. Então, vamos tentar não fazer isso? E, para finalizar, eu queria mandar um beijo para todos vocês, agradecer os elogios. E dizer que: uma mulher com corpo real somos todas nós”. Como bem nos lembra Butler (2021, p. 13),

o chamamento injurioso pode parecer restringir ou paralisar aquele ao qual é dirigido, mas também pode produzir uma resposta inesperada e que oferece possibilidades. Se ser chamado é ser interpelado, a denominação ofensiva tem o risco de introduzir no discurso um sujeito que utilizará a linguagem para rebater a denominação ofensiva. Quando o chamamento é injurioso, exerce sua força sobre aquele a quem fere.

Logo, os discursos de ódio podem gerar uma reação inesperada, seja de forma negativa seja de forma positiva, em relação ao proferimento disseminado na internet. Paolla Oliveira, por exemplo, não se deixou paralisar pelos comentários dos *haters* ao se posicionar em suas redes sociais defendendo corpos reais e livres de pressões estéticas. Em consonância com Foucault (1988),

com relação ao poder, existem [...] resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. [...] os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento (Foucault, 1988, p. 106).

Notamos, então, que as resistências ocorrem de formas diferentes, dependendo das condições sócio-históricas-ideológicas e dos sujeitos envolvidos. Isso fica claro, por exemplo, quando observamos as séries de mudanças sociais, políticas e históricas que as mulheres vivenciaram e continuam vivenciando. Sendo assim, os discursos de ódio referentes ao corpo feminino proferidos pela própria classe feminina surgem em resposta a situações de opressão ou controle.

5 Considerações finais

Com o crescimento das redes sociais no Brasil, muitos artistas e influenciadores passaram a expor com certa frequência suas vidas nas plataformas digitais, em especial no *Instagram*.¹² Grande parte da população também passa a usá-las, muitas vezes, para acompanhar a vida dessas figuras. Contudo, essas ferramentas tornaram-se um meio de controle dos corpos, principalmente o feminino. Como podemos perceber, ao longo deste trabalho, mulheres, independentemente da idade e da classe social, vêm sendo severamente atacadas por uma sociedade que ainda busca pelo famigerado “corpo perfeito”.

Identificamos, ainda, na atual sociedade, especialmente no *Instagram*, a imposição de um padrão de beleza inatingível e irreal, culminando em discursos que operam o *Body Shaming* – termo cunhado em língua inglesa que em sua tradução literal significa “vergonha do corpo”. Tal ação diz respeito aos ataques e às agressões direcionados ao corpo humano, seja de homem ou de mulher, no intuito de humilhar, criticar, julgar e menosprezar alguém devido a sua aparência física. O modo como isso acontece na modernidade pode ser visto como uma forma de controle social, já que as regras de comportamento e aparência femininas acabam limitando a liberdade das mulheres.

Para compreendermos esse controle, buscamos respaldo nos trabalhos do filósofo Michel Foucault, que investiga como os corpos passam a ser controlados com a consolidação do capitalismo e mostramos, neste estudo, como isso ainda se reflete atualmente, agora com outras ferramentas, mas, com o mesmo objetivo: além do controle, ataques depreciativos e ofensivos, sobretudo, ao gênero feminino.

Diante do exposto, podemos afirmar que os corpos femininos não são públicos, independentemente se as mulheres são figuras públicas ou pessoas anônimas. A grande questão é que os sujeitos que destilam ódio ao corpo feminino e, conseqüentemente, ao gênero feminino, sentem-se confortáveis ao falar acerca da aparência das mulheres, muitas vezes, encorajados pela falsa sensação de impunidade no mundo virtual, outrora, escondidos em falsos perfis das redes sociais. Ao longo das análises verificamos discursos machistas, sexistas e até mesmo misóginos e logo percebemos uma equação insolúvel, ou seja, constatamos que a mulher sempre é alvo de críticas e julgamentos (se ela for alta ou baixa; se ela for magra ou gorda; se é sensual ou austera; se é nova ou velha). Tais comentários, pautados apenas na aparência feminina (sobre quem se fala), comumente fazem parte do discurso, não raras vezes, para ofender e inferiorizar e até mesmo deslegitimar a credibilidade do sujeito feminino.

O corpo feminino, aparentemente, é compreendido como domínio público, entretanto, não o é. Apesar da intensa exposição no mundo digital, isso não justifica, muito menos legitima o surgimento de comentários a respeito do corpo das mulheres. Os conselhos, orientações, sugestões e intromissões ao corpo da mulher são infinitos, a cada momento surge uma avalanche de comentários dizendo o que a mulher precisa ou não fazer. Embora estejamos vivendo em novas condições de produções, o que nos possibilitou grandes conquistas e avanços no que

¹² De acordo com o site mLabs, o Instagram está entre as 10 plataformas digitais mais utilizadas no Brasil, ocupando a 3ª colocação no *ranking*. Outro dado importante apontado pelo referido site é que tal rede social é composta, majoritariamente por mulheres, com 58,4% do público sendo mulheres e 41,6% homens. Disponível em: Redes Sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2024 (mlabs.com.br). Acesso em: 17 out. 2024.

se refere à luta de gênero no Brasil, ainda experienciamos, infelizmente, dilemas insolúveis, como por exemplo o fato de a mulher não poder ser bonita demais, nem feia demais.

Os discursos a respeito da beleza feminina ainda são superiores em detrimentos de suas outras qualidades e atributos. Por conseguinte, intensifica-se a objetificação feminina e, nas relações de poder, os homens ainda veem os corpos femininos como um objeto que deve servi-los reafirmando, assim, o patriarcado, uma vez que estabelecem dinâmicas de poder acentuadas pelos discursos de ódio ao corpo feminino, os quais ocorrem em diferentes esferas sociais. Como consequência, as mulheres alvos de discursos depreciativos, eventualmente, sentem-se menos empoderadas e mais vulneráveis em suas relações sociais, mantendo-se, dessa forma, sob o vigilante controle dos corpos.

A mudança, principalmente no que se refere à dignidade humana, deve ser urgente e constante. No que se refere ao gênero/corpo/mulher não há mais espaço para ideias sectaristas e preconceituosas. O papel de dependente, inclusive financeiramente, de frágil e incapaz de gerir assuntos que não sejam apenas em relação aos afazeres domésticos e criação dos filhos, não é algo que deva ser atribuído apenas à mulher. Segundo Moreno (2008, p. 26), atualmente, as mulheres conquistaram um espaço maior no mercado de trabalho, assumindo cargos melhores; contudo, “[...] ironia fina, essa situação não se reflete na equiparação salarial. Isso ocorre porque quem se beneficia ainda mais do nosso desempenho na escola ou no mercado de trabalho é quem nos contrata por salários menores.”

Como podemos perceber, são grandes e várias as dificuldades e entraves que tornam a conquista feminina, nos mais diversos âmbitos, mais lenta. Do mercado de trabalho aos cuidados, respeito e aceitação do corpo, estamos sempre no meio de um campo de guerra, cujas batalhas vão sendo travadas e ressignificadas, sucessivamente, na/pela história e, assim como os discursos, nunca terminam.

Contribuição dos autores

Denise Sousa dos Santos é a autora principal, tendo criado o artigo, elaborado a estrutura do texto e contribuído com a concepção teórica e a discussão dos resultados. Rosemeri Passos Baltazar Machado, como orientadora, atuou na supervisão metodológica, correção de conteúdo, orientação acadêmica e validação das principais linhas de argumentação apresentadas, assegurando o rigor científico e a coerência global do trabalho.

Referências

BAUMAN, Z. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BUTLER, J. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: UNESP, 2021.

DEL PRIORE, M. *Histórias e Conversas de Mulher*. 2ed. São Paulo, 2013.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista De Administração Pública*, v. 44, n. 2, 2010, p. 367-383. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6928/5495>. Acesso em: 16 set. 2024.

- FOUCAULT, M. (org.) *Foucault: a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1986.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. tradução de Raquel Ramalhe. 20 ed. Petrópolis, Ed. Pontes, 1987.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GREGOLIN, M. do R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- KARAWECZYK, M. Suffragettes nos trópicos?! A primeira fase do movimento sufragista no Brasil. *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20768>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- MACHADO, R.P.B. Gasparino da mata: a mulher sob a ótica do homem de modo de vida gay e ambos sob a ditadura. In: Milanez, N.; Machado, R.P.B. (Orgs.). *50 anos de Gasparino Damata: discursividades em Os Solteirões*. Salvador: LABEDISCO, 2024. p.102-118.
- MILANEZ, N. O nó discursivo entre corpo e imagem. Intericonicidade e Brasilidade. In: TFOUNI, L. V.; CHIARETTI, P.; MONTE-SERRAT, D. M. (org.). *A análise do discurso e suas interfaces*. São Carlos: Pedro & João, 2011.
- MORENO, R. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Ágora. 2008.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12ª. Ed. Campinas: Pontes, 2015.
- PERROT, M. O corpo. In: *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- REBS, R. R. O excesso no discurso de ódio dos haters. *Fórum Linguístico*, Santa Catarina, v. 14, n. Especial, p. 2512-2523, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2512/35377>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROSCHER, P. *Sororidade: quando mulher ajuda a mulher*. São Paulo: Editora Europa, 2020.
- SARDENBERG, C. *Liberal vs Liberating Empowerment: Conceptualising Empowerment from a Latin American Feminist Perspective*. *IDS Bulletin*, v.39, n. 6, p.18-27, 2008.
- WOLF, N. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.